



Universidade da Beira Interior

Faculdade de Artes e Letras

Departamento de Comunicação e Artes

Curso: Cinema

Unidade Curricular: Projecto Final Mestrado

Professor: Manuela Penafria

Relatório:

Nihilo Nihil

(Nada vem do Nada)

Aluna:

Mariana Amaro

M2664

Cinema

Índice

	Pág.
• Introdução	3
• Ponto de Vista.....	4/5
• Pré-Produção.....	6/8
• Produção.....	9
• Pós Produção.....	10/12
• Conclusão.....	13
• Bibliografia	14
• Anexos.....	15/18

Introdução

Este trabalho pretende contar a história de uma rapariga que veio estudar cinema para a Universidade da Beira Interior, onde tentou realizar um documentário, pretendendo pôr em prática tudo aquilo que tinha aprendido ao longo dos anos de Licenciatura e Mestrado em Cinema.

O documentário, teve como tema de base, o ponto de vista, o qual foi decidido por todos os alunos, numa reunião com o Director do Mestrado, seguido pela escolha de um orientador para o projecto. Assim, passei algum tempo a pensar no que ia desenvolver, até que me lembrei dos filmes que o meu pai tinha filmado ao longo da sua vida, e a partir daí desenvolver um documentário acerca da minha família.

Ponto de Vista

Nos dias que correm a palavra ponto de vista adquire vários significados. No cinema não é diferente, temos vários tipos de ponto de vista que por vezes se confundem.

Na minha opinião o significado que lhe atribuo é a de defesa de algo, isto é, quando conversamos com alguém e discutimos um assunto damos a nossa opinião e mantemo-nos fiel a ela, até que surjam provas do contrário. Isto para mim é o ponto de vista, manter uma opinião acerca de algo e, defendê-la com tudo aquilo que sabemos acerca do assunto.

No cinema as coisas já não funcionam assim, pois o ponto de vista é considerado a vários níveis técnicos. Por exemplo, o guião, o tipo de planos, entre outros. Quando falamos do ponto de vista no guião, este tem muito a ver com a forma/perspectiva com que a história é contada. Sendo depois complementada com o modo como a câmara é colocada, de maneira a obter a diegese presente no guião. Porém, aquilo que é mais discutido quando se fala de ponto de vista em cinema é a câmara subjectiva. É ela que nos dá o ponto de vista de um dos personagens, mostrando-nos aquilo que o personagem está a visualizar. No entanto, Pasolini afirma, no texto de Eduardo Geadá *Estéticas do Cinema*, que um plano de sequência é um plano subjectivo/câmara subjectiva. Isto porque a visão de alguém que observamos, e estamos a observar um presente-passado, isto é, um filme que vemos no cinema ou no conforto da nossa casa é passado, mas não deixa de ser ponto de vista.

Quanto ao ponto de vista no documentário o seu grande “defensor” foi Grierson que com a sua escola mostrou como era importante a intervenção do autor no filme. Deixar de filmar apenas aquilo que se passa à sua volta para ter

uma voz activa no filme. Introduzindo assim a *voz off* no documentário, bem como um tratamento criativo ao mesmo por parte do autor.

O ponto de vista é principalmente retratado através de planos subjectivos e voz off que apresenta aquilo que o personagem observa ou o que se está a desenvolver no filme. Temos grandes realizadores como Alfred Hitchcock , Ingmar Bergman, que recorrem largamente a este tipo de técnicas para transmitir as suas ideias. No documentário, *Capturing Friedmans, de Andrew Jarecki (2003)*, é exactamente este tipo de soluções que o realizador utiliza. Uma cena do filme mostra bem o ponto de vista do director, pois enquanto observamos imagens dele com o pai e os irmãos, ele explica que a sua relação era de tal maneira próxima que não tinham ideia que o pai era pedófilo.

Resumindo, o ponto de vista está associado a vários tipos de técnicas, já referidas em cima, mas não há nada como a própria intervenção do realizador ou das personagens. Para que assim este seja perceptível e transmita a mensagem existente no filme.

Pré Produção

O período de pré produção foi muito importante para definir aquilo que realmente queria desenvolver e o modo como iria associar o tema ao filme. Esta foi dedicada à pesquisa e visionamento dos filmes como forma de organizar a estrutura do filme.

A pesquisa consistiu no estudo do tema, ponto de vista, e de várias conversas/entrevistas com a minha família, para conseguir perceber os filmes. Tinha mais de vinte horas de filmagens, e grande parte foi assistida na presença do meu pai, realizador dos mesmos, que me foi explicando e contando as histórias por detrás destas imagens.

Eu queria dar uma voz a estas imagens, que tanto observei enquanto crescia. Então decidi fazer primeiramente um visionamento, sozinha, onde procedi a uma primeira escolha. Aí sim, pedi a meu pai que estivesse presente para me dar a sua visão daquelas imagens, mas o que realmente procurava era um porquê para aquilo, e porque razão preferiu colocar a câmara ali e não noutra sítio. Percebi então que tudo foi intuitivo. Que o importante era captar aqueles momentos. Para ele estas filmagens significam um momento que passou e, que conseguiu registar, mas que agora toma um outro rumo nas mãos da sua filha. Como tal, quis ser fiel a mim mesma, se bem que nem sempre foi fácil manter a cabeça fria durante este processo.

Era um processo importante e um grande passo que tinha de dar para obter resposta às minhas perguntas. Tais como, porque razão era importante filmar momentos em família, e como eu e a minha irmã nos relacionávamos, todo o tipo de perguntas me surgiam, mas o principal era descobrir o relacionamento dos meus pais. Tive que tornar-me como que uma jornalista, ou um amigo próximo da família que queria conhecer a sua história. Foi assim que

consegui descobrir o porquê da união dos meus pais, e conhecê-los como pessoas.

Um factor importante para o desenvolvimento do filme foi o conselho do realizador Miguel Clara Vasconcelos. Enquanto respondia a questões do público, perguntou se havia alguém a desenvolver um documentário. Eu respondi positivamente, e depois de explicar o que pretendia realizar, foi-me dado o conselho que juntasse toda a minha família, e gravar as suas reacções aos filmes. Como tal, decidi levar este conselho avante. Durante este período contactei todos os membros da minha família para um almoço onde iriam visionar os filmes, e assim obter as suas reacções aos mesmos. Optei por fazer dois almoços um com a família do meu pai e outro com o da minha mãe.

Um problema surgiu durante este processo, que foi o facto das imagens de arquivo se apresentarem em película de 8mm. Eu teria que as passar para formato digital de forma a conseguir editar através do final cut pro. A solução veio a partir do professor José Luís Carvalhosa, que depois de uma conversa acerca do projecto, me informa que o ideal seria reproduzir os filmes numa tela e captá-los com a câmara digital.

O grande desafio foi o facto de ser produtora e realizadora do filme. Podem pensar que pelo facto de ser produtora e realizadora de um filme com imagens de arquivo que estes encargos não se iam misturar. Porém, não foi fácil, tinha que lidar com os aspectos de produção do filme e ao mesmo tempo idealizar o mesmo na minha cabeça. Muita vez dei comigo a planificar filmagens, mas mentalmente estava a pensar no filme, que se manteve em evolução até iniciar a montagem. Para além disso, produzir e realizar um filme era algo que nunca tinha feito, se bem que sabia tudo o que tinha de fazer na teoria, mas a prática é bem diferente.

Surgiram alguns problemas ao nível da estruturação do filme, pois não sabia como apelar ao espectador e também a mim própria. O visionamento de documentários e dos filmes de Martin Scorsese acerca da sua família e amigos puseram-me no caminho certo. A partir do seu visionamento soube que tinha que expor as minhas emoções, e de que modo o meu relacionamento com todas estas pessoas foi ou não importante para a minha formação. A minha orientadora, a professora Manuela Penafria também teve um papel fundamental, encaminhando-me nesta direcção, e questionando-me sempre porque o queria fazer assim e, não de outro modo. Também me ajudou a compreender o papel do documentário nos dias de hoje. Não é apenas um filme educacional ou histórico, existe para expor aquilo que sentimos acerca do mundo, de nós, daquilo que nos rodeia. Acho que é um meio mais livre face ao cinema de ficção. Dentro do documentário tive então toda a liberdade para expressar aquilo que me ia na alma, e apresentar a minha família tal qual como a vejo e sinto.

Resumindo, a pré produção é fundamental para a realização de qualquer filme, seja ficcional ou documental. No meu caso foi bastante importante, pois foi aqui que tive toda a liberdade criativa para pensar e delinear o esquema para a feitura deste filme. Também me deu a oportunidade de conhecer melhor as pessoas que me rodeiam e olhar para o documentário com outros olhos.

Produção

A produção é o processo mais exaustivo, pois temos de ter tudo marcado e pronto a ser filmado. Neste caso, sendo a produtora e realizadora podia tornar-se complicado. Acabou por ser simples devido a um extenso trabalho de pré-produção.

O trabalho de produção consistiu em passar os filmes de 8mm para um formato digital. O qual foi feito reproduzindo-os numa tela e captar as imagens com a câmara digital. As filmagens correram bem, a qualidade é bastante boa, estava com receio que tal não acontecesse.

Os almoços que organizei com a minha família, foi o que proporcionou mais dificuldades. As filmagens decorreram normalmente, mas surgiram alguns problemas, que foi o facto de terem a câmara presente. Ninguém estava à espera, logo foi um choque para os intervenientes, daí escolhi que a sua presença se fizesse notar sonoramente. Estavam todos demasiado preocupados com o seu aspecto e como iam ficar, algo que já estava um pouco à espera, pois como é de conhecimento geral na área de cinema, para captar algo verdadeiro é preciso ambientar as pessoas à câmara, para que a sua expressão seja sincera e verdadeira. Isso foi contornado na pós produção.

Este passo foi muito importante para me elucidar do trabalho que me esperava na pós produção do projecto. Pois, como já referi, nunca tinha assumido todos os cargos necessários para a feitura de um filme, logo foi uma grande aprendizagem e um grande teste às minhas capacidades. Devido a uma má experiência no projecto realizado na licenciatura, havia algum receio da minha parte em abarcar com toda esta responsabilidade. Porém, aos poucos fui ultrapassando este receio e pondo todas as minhas ideias em prática.

Pós Produção

Dziga Vertov defendia que um filme ganhava vida através da montagem, era lá que surgia a forma. Porém foi a fase do projecto mais exaustiva e que me trouxe mais dificuldades, mas também grandes alegrias, ver o resultado de todo o trabalho em que me envolvi finalizado. Foi muito satisfatório.

Este processo basicamente é onde a montagem do filme é feita. Como tal escolhi o programa de edição final cut pro para proceder à edição. Logo, tive dificuldades na captação da imagem, pois nem tudo o que filmei se encontrava na melhor qualidade. Tive assim que abdicar das filmagens que tinha feito durante os almoços em família. Mas como diz o povo “Há solução para tudo menos para a morte”. A edição do filme foi difícil, pois as minhas bases em montagem eram praticamente nulas. No entanto, editei o trabalho recorrendo a tutoriais e algum “desenrascanço” da minha parte. Lembro-me que a primeira montagem com a estrutura que realmente queria, tinha cerca de uma hora, mostrava a minha visão acerca do meu núcleo central. Dividindo o filme em três partes, a relação com o meu pai, minha mãe e finalmente a relação com a minha irmã. Algo não batia certo, o filme estava bastante extenso e o meu ponto de vista não estava a ser transmitido. Então dediquei-me durante uns tempos a trabalhar a parte sonora do filme, onde me sentia mais confortável e sabia que faria um bom trabalho, para além de me dar o incentivo para continuar a edição. Com o sonoro trabalhado voltei a dedicar-me à imagem depois de muitas noites e dias, e de vários formatos e estruturas, consegui chegar a uma decisão. Decisão esta, que realmente transmitia o meu ponto de vista acerca da minha família, mas principalmente sobre o meu núcleo central.

A parte sonora do filme foi a que deu mais gosto trabalhar, pois é aquilo que realmente quero trabalhar e fazer carreira nesta área. Logo, tudo correu muito bem, só um facto é que não soube pôr em prática, que era fazer com que

os silêncios que anteriormente tinha presente no filme causassem emoção no espectador, tal não acontecia. Optei por uma banda sonora para que surtisse esse efeito. Além disso, a *voz-off* está presente para contar a história e mostrar o ponto de vista. Sem ela, o filme não teria qualquer sentido, embora para mim estas imagens falem muito. Porém, tal não poderia acontecer pois o espectador não iria compreender e ao fim de um minuto estaria completamente aborrecido, e como já referi anteriormente o meu desejo era dar uma voz a estas imagens, a minha voz.

Assim que tive a primeira versão do documentário pronta, a minha preocupação foi mostrá-lo ao maior número de pessoas possível. Para obter várias reacções, e assim saber se a minha ideia estava a ser transmitida e chegava ao espectador. As suas reacções nem sempre foram positivas, mas obtive muitas opiniões construtivas, que me levaram a fazer algumas alterações no filme. Alterações que eram necessárias para que a minha ideia chegasse ao espectador. Cada vez que fazia uma modificação, fosse ela sonora ou imagética, mostrava logo o filme a alguém para ver se notavam diferença, e saber se a minha ideia passava. Acho que esta minha atitude foi muito importante e positiva. Permitiu-me ter uma maior noção do que o espectador gostava, e com que eu abrangesse vários tipos de ideias, para que a minha mensagem fosse percebida.

Desde que estou no curso de cinema que sou muito influenciada pelo cinema de Scorsese e da escola que o influenciou, e acho que isso pode ser observado neste meu filme, pois a montagem é rápida e fluida, e além disso contém um tema muito pessoal e onde as minhas emoções estão à flor da pele.

Como tal, este passo na feitura do filme é para mim dos mais importantes, mas claro que não existiria sem uma boa pré produção e produção. Mas é aqui que o filme ganha vida, e a sensação que se tem ao tornar umas simples imagens num filme, é fantástico. O simples facto de ter sido eu a montar

o filme e não outra pessoa fez-me ganhar um outro respeito por esta fase. Não deixando de lado a parte sonora do filme, que muito contribui para que a imagem tenha a força que tem.

Conclusão

Quando entrei para cinema não tinha qualquer noção básica acerca do meio, apenas uma grande paixão por aquilo que via na tela. Isso fazia-me imaginar vários mundos, e viajar por sítios na minha cabeça que nunca antes pensara. Porém, a realidade com que me deparei ao iniciar os meus estudos foi bastante diferente, mas simplesmente me deu mais vontade de conhecer este mundo e aquilo que o constituía.

Durante três anos aprofundei várias teorias, estudei autores, tive aulas práticas, desenvolvi projectos laterais, mas nada que me preparasse para um grande projecto como aquele que desenvolvi em grupo no último ano da licenciatura, *Inadaptado*. Foi um projecto demasiado ambicioso e acho que todos os que estávamos envolvidos sonhámos muito alto. Logo a queda foi muito dura e os projectos que desenvolvi daí para a frente foram sempre com muito receio e com muita pressão sobre mim própria. Quando soube que teria um projecto para entregar, assinado apenas com o meu nome, a pressão foi intensa, porém decidi deixar para trás aquilo que tinha acontecido na licenciatura e entregar-me de corpo e alma a este projecto.

Na feitura deste filme dei o melhor de mim, tanto a nível técnico como pessoal. Acho que isso é notório quando visionam o filme, e optei por isto porque era a melhor maneira que tinha para desenvolver um projecto destes. Se tivesse optado por uma ficção certamente teria ido pelo mesmo caminho do projecto da licenciatura, mas como estudante decidi aventurar-me e fazer um filme e com um tema que me fosse chegado e que sem algum tipo de dúvida conseguiria desenvolver.

Bibliografia

- Textos indicados pela orientadora Professora Manuela Penafria acerca do tema proposto:
 - GEADA, Eduardo (1985), *Estéticas do Cinema*, Publicações Dom Quixote
 - PASOLINI, Pier Paolo (1982), *Empirismo Hereje, Cadernos Peninsulares, Ensaio 8*, Assírio e Alvim;
- http://en.wikipedia.org/wiki/Capturing_the_Friedmans
- http://en.wikipedia.org/wiki/Point_of_view_shot
- Penafria, Manuela, *O documentarismo do cinema : uma reflexão sobre o filme documentário*, ubi, 2005

Anexos

Voz Off

Muitas famílias começam com o casamento, a minha é uma delas. E tudo se iniciou com a união entre meu pai e minha mãe. Ao observarem estas imagens nada dizem apenas olham nos olhos um do outro e mostram o amor que ainda os une ao fim de trinta e cinco anos. É o início de uma família, a minha. Sinto uma grande felicidade ao ter a oportunidade de partilhar estas imagens. Através delas consigo observar um momento de grande felicidade e harmonia para os dois pilares da minha vida.

Para chegar a este momento muita corte teve de ser feita por meu pai para conquistar a minha mãe. Ela, quando o viu pela primeira vez no café, não fez caso. Um dia foram apresentados por amigos comuns, e assim começou o romance. No entanto, um romance muito reservado, pois foi um amor à antiga, como nos livros. A donzela tinha de ser entregue em casa, e o moço que a cortejava tinha de dar a sentença ao pai da donzela. Tudo isto aconteceu a meus pais enquanto namoravam, mas ao fim de dois anos tudo muda e a mão de minha mãe é pedida em casamento a meu avô Luís Pombal Caféde. A vinte e seis de Fevereiro de mil novecentos e setenta e oito, o meu avô entrega a sua filha Filomena Pombal a Francisco Amaro, numa cerimónia cheia de amigos e alguma chuva.

O meu núcleo principal é constituído pelo meu pai, minha irmã e minha mãe. É com eles que mais convivo, são eles que sempre me deram na cabeça cada vez que fazia algo de errado, ou que não estava de acordo com os seus valores. Porém, eles são, também uma grande fonte de animação e divertimento. Desde pequena que me lembro de a nossa sala se tornar uma pista de dança, e todos nós nos divertíamos a dançar, e claro eu e a minha irmã estávamos sempre a fazer palhaçadas. Era a nossa maneira de participarmos naquela brincadeira.

Existe algo de mágico nestes momentos em família, e é muito bom ter este arquivo para partilhar e mostrar estes pequenos mas grandes momentos em família.

Como este, em que a família está toda reunida ; os mais velhos conversam entre si; os garotos divertem-se a correr e a inventar brincadeiras, enquanto os pais não se decidem a ir embora.

Já devem ter reparado que aquilo que vos quero mostrar é como a minha família me influenciou durante o meu crescimento, e como o nosso relacionamento me permitiu tomar decisões certas ou erradas e tornou-me na pessoa que sou hoje.

De momento observam o baptismo da minha irmã Marta, onde eu ainda nem existia no pensamento dos meus pais. Mas conseguem perceber como a minha família é unida, por vezes com a ajuda de um bagacito ou outro, mas nem tudo é um mar de rosas. Ocasionalmente, existem diálogos menos agradáveis, nem sempre nos encontramos de acordo em relação a saídas à noite, em gastar dinheiro a mais em coisas que não fazem sentido algum. Lembro-me de uma festa que fui e não sai à hora marcada, passado algum tempo tinha o meu pai a tirar-me da pista de dança. Obviamente que houve logo uma grande discussão

Observam agora momentos de pura alegria passados com os meus primos. Sempre sofri um pouco por ser a mais nova dos dois lados da família. Era a menina que todos tinha de proteger de tudo e todos, nem sempre foi fácil lidar com isso, tendo já um grande círculo de protecção por parte dos meus pais em casa. A felicidade que sinto em poder partilhar as minhas histórias com eles é fantástica. Sei que posso contar com eles para tudo, bons e maus momentos, que sempre estarão presentes. Sinto-me uma pessoa com muita sorte em saber que tenho uma família que me apoia, e à qual posso recorrer em qualquer momento da minha vida.

A relação mais difícil de explicar e expor é entre mim e a minha irmã. Não tenho dúvidas que ela é uma grande mulher, e em tempos foi a minha modelo, mas nem sempre tudo foi perfeito. Parecíamos saídas de um episódio do Tom & Jerry. Não havia dia em que não houvesse uma discussão por causa de quem punha ou levantava a mesa, ou então quem iria ouvir música primeiro. Mas tudo isto acontecia porque queríamos o melhor para as duas. Essencialmente mostrar a força que possuíamos, e os sentimentos que nutrimos uma pela outra, e por todos os que nos rodeiam. Nem sempre é fácil ter uma irmã mais velha.

Foram todas estas pessoas que por aqui passaram algumas ainda vivas outras não, que me ajudaram a esculpir a minha personalidade. Principalmente o meu núcleo central, que tanto me chama à razão para ter um rumo na minha vida. Quando as observo nestas imagens uma melancolia de sentimentos percorre-me, e memórias surgem-me como “lâmina que lava a noite/fogo na fenda da pedra.” Eles são o meu castelo que começou em areia e agora se encontra em pedra.

Foste tu mãe que me deste de beber a sabedoria do mundo, e o que de bom nele existe. E foste tu pai que “nestes quatro cantos da sala cheia de um silêncio redondo” me deste a imaginação da vida. E tu irmã que tanto me amparas-te das garras cruéis do mundo, deste-me a força para o conquistar depois de tanto nos tentar deitar abaixo. Sem vocês os três não seria uma pessoa genuína e sincera.

